



Greenspan, preocupado com o déficit fiscal, avisa que a crise não acabou: "O Brasil ainda não está salvo"

Daniela Mendes  
Correspondente

**Nova York** — Apesar da rápida recuperação econômica que se seguiu à crise da desvalorização do real, a situação fiscal do Brasil permanece um problema. Essa é a opinião de Alan Greenspan presidente do Fed (Federal Reserve, o banco Central dos Estados Unidos). "Eles ainda não estão a salvo", alertou ele durante uma conferência em Chicago organizada pelo próprio Fed.

"Quando se examina a situação atual do Brasil vê-se que houve uma significativa melhora e estabilização. Não há dúvidas sobre os grandes progressos feitos em relação a uma crise que era muito substancial", disse Greenspan. "Porém, a estrutura fiscal do país ainda é um problema e as próprias autoridades brasileiras descrevem-na como o problema", acrescentou.

Ao comentar a situação da economia dos Estados Unidos, Greenspan disse que a combinação de forte crescimento e baixa inflação atual é "verdadeiramente fenomenal". Mas fez novos alertas: "Há desequilíbrios na nossa expansão que, se não forem resolvidos, vão pôr um fim este longo ciclo", afirmou. Há nove anos consecutivos a economia norte-americana não pára de crescer. Nos últimos dois anos, o índice anual de foi de 3,9%, as melhores taxas desde 1984.

Segundo ele, o baixo nível de de-

semprego poderá levar a um aumento da inflação a menos que as empresas do país continuem produtivas o suficiente para dar lastro a este rápido crescimento econômico e os altos preços das ações nas bolsas de valores. Atualmente, o desemprego está em 4,2%, o menor percentual em 29 anos.

**"A ESTRUTURA FISCAL DO PAÍS AINDA É UM PROBLEMA E AS PRÓPRIAS AUTORIDADES BRASILEIRAS DESCREVEM-NA COMO O PROBLEMA"**

Alan Greenspan,  
presidente do Fed

"A taxa de emprego pode ficar tão elevada que os aumentos nominais nos salários vão começar a ultrapassar os ganhos de produtividade e então os preços irão, inevitavelmente, subir", explicou o presidente do Fed. A boa produtividade das empresas é a principal razão para os Estados Unidos terem atravessado a crise financeira mundial, que começou em 1997, como um oásis de prosperidade. As companhias conseguiram triplicar a produtividade, que passou de 1% para 3% nos últi-

mos anos, apesar da crise que afetou os principais países compradores de produtos norte-americanos, como a Coreia e o Japão.

As declarações de Greenspan, como sempre, foram uma ducha de água fria no mercado financeiro. Os analistas interpretaram as palavras dele como uma ameaça de aumento das taxas de juros na próxima reunião do Fed marcada para o dia 18 de maio. Se os juros subirem, muitos investimentos voarão das bolsas de valores para o mercado de títulos do Tesouro.

De olho no discurso do presidente do Fed, a bolsa de Nova York encerrou o pregão em baixa. O Índice Dow Jones, que mede a variação das ações mais negociadas em Wall Street, caiu 0,08% e o índice Nasdaq, das companhias de tecnologia, em 2,42% negativos. No início da semana, a bolsa nova-iorquina bateu o recorde histórico de negócios, ao registrar mais de 11 mil pontos.

Para piorar, uma elevação das taxas de juros norte-americanas teria repercussões no resto do mundo e poderá inibir o fluxo de capitais para países emergentes. No segundo semestre do ano passado, no auge da crise financeira mundial, o Fed baixou os juros duas vezes num prazo de dois meses para desestimular a compra de seus papéis e fazer com que investidores voltassem a aplicar dinheiro em mercados emergentes e em bolsas.